

NÃO À DIMINUIÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

José Ricardo de Mello Brandão

Li com atenção o artigo do Professor Paulo José da Costa Jr., no penúltimo *Suplemento Cultural*, defendendo a diminuição da maioridade penal para 16 ou 14 anos. Apesar de não me considerar estulto, talvez não possa dizer o mesmo quanto a não ser teimoso. Porém, não creio ser essa a razão principal de minha defesa da manutenção dos 18 anos como idade-limite para que o adolescente possa ser considerado imputável por eventual crime cometido.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – e não Estatuto do Menor e do Adolescente –, em vigor desde 1990, é um extenso conjunto de leis que propõe um novo ordenamento jurídico no trato de questões relativas a essa faixa etária. Ele veio substituir o famigerado Código do Menor, trazendo inúmeras modificações. Entre elas, certamente uma das mais importantes se refere à caracterização do adolescente infrator: o jovem entre 12 e 18 anos que pratica ato descrito no Código Penal como crime ou contravenção penal. Parece óbvio mas, até muito pouco tempo atrás, os juízes tinham o poder discricionário de caracterizar determinado ato como passível ou não de punição. A lei facultava-lhes a utilização do “senso comum” ou de



sua própria escala de valores para definir o caráter do ato praticado pelo jovem. Portanto, com o Estatuto, conseguimos nos aproximar um pouco da máxima “todos são iguais perante a lei” (pelo menos no que concerne à caracterização do ato infracional).

Mas o ECA não modificou a idade da maioridade penal por várias razões. Talvez a primeira delas seja o respeito à legislação Internacional. O Brasil é

signatário de tratados e convenções internacionais que reconhecem as características peculiares dessa faixa etária e determinam a existência de sistema judiciário próprio, com legislação específica. Em particular, as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos Jovens Privados de Liberdade, que explicitam ser o jovem “uma pessoa de idade inferior a 18 anos”.

Em tempos de globalização, não se trata de copiar o que existe em outros países (muito deles ainda não adaptados a essa legislação), mas respeitarmos ordenamentos que incorporam modernas noções de direito.

A própria concepção de adolescência tem menos de um século, sendo particularmente reconhecida e formulada nos últimos trinta a quarenta anos. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a adolescência compreende o período dos 10 aos 20 anos. E, afinal, qual é a tendência histórica: alongarmos ou encurtarmos a adolescência? Nas sociedades urbanas modernas, cada vez mais se exige maior tempo de estudo do jovem, com o conseqüente adiamento de sua entrada no mercado de trabalho e, portanto, da manutenção de dependência econômica do seu núcleo

familiar. Apanágio dessa realidade, o jovem tende a se casar e ter filhos com mais idade. Ou seja, uma série de responsabilidades que caracterizam o adulto estão sendo assumidas cada vez mais tarde. Junte-se a isso o fato de que estamos vivendo mais, o que permite prolongarmos a nossa adolescência, já que teremos muito mais tempo de vida saudável como adultos. Cada vez mais encontramos "jovens" senhores de 60 ou 70 anos. Em outras palavras: cada vez é mais fácil encontrar "adolescentes" com mais de 20 anos, do que "adultos" com 16.

Todos reconhecemos em nossos filhos o processo descrito acima. Não queremos (nem acreditamos ser possível) que eles sejam tratados como adultos antes dos 18 anos. Queremos vê-los estudando, namorando e sonhando, num saudável processo de amadurecimento. E o jovem infrator? Será que o julgamos proveniente de outra classe social e, portanto, não se trata mais de adolescente mas de um "menor"? E, por sua suposta experiência de vida, ele tem "plena consciência de seus atos"?

Apelar para o fato de que o jovem com 16 anos já pode votar e isso seria uma "contradição" no ordenamento jurídico é uma falácia. O jovem dessa idade não pode nem mesmo ser eleito para síndico de prédio, muito menos para nenhum cargo político. Em nome de um sistema harmônico, devemos então permitir-lhe dirigir e consumir álcool a partir dessa nova maioridade, assim como acabar com a censura de peças e filmes acima dessa idade. Naturalmente ele deve poder casar-se, abrir firma, ter conta bancária e responder integralmente por seus atos.

Note-se que todos que defendem a diminuição da maioridade penal fazem questão de dizer que esse jovem de-

verá ficar preso em ambiente especial, com capacidade de "ressocialização" – naturalmente reconhecendo as precárias condições de nossas penitenciárias, por eles mesmos chamadas de "escolas do crime". Ora, o que nos levará a conseguir tais instituições-modelo para esses jovens, se temos imensa dificuldade para modificar minimamente nossas Febems, mesmo sabendo que dentro delas há adolescentes de 12 ou 13 anos? Alguém duvida que esses jovens iriam apenas engrossar nossas estatísticas de população prisional?

E, em se tratando de estatísticas, embora reconheça a gravidade e o crescente aumento da infração entre adolescentes, há que se lembrar que a população adulta encarcerada ainda é, proporcionalmente, de vinte a trinta vezes a população adolescente. Ou seja, medidas relativas aos adultos trarão muito maior impacto no controle da violência.

Merece também reparo a percepção comum de que as infrações praticadas por adolescentes são, na maioria, graves. Na verdade, quase metade delas se inscrevem na rubrica "atos contra o patrimônio" (30% de roubos, 15% de furtos), enquanto o homicídio responde por cerca de 1% das infrações, tendo se mantido nesse patamar durante toda a década de 90 (últimos dados que tenho disponíveis).

Outro argumento clássico: o fato de que hoje o adolescente é "usado" por adultos para cometer (ou acobertar) crimes devido ao suposto caráter brando das medidas socioeducativas que serão a ele aplicadas. Na minha opinião, não haverá nenhuma dificuldade (quicá até mesmo mais facilidade) para se cooptar menores de 16 ou 14 anos para a prática infracional. Basta vermos as dezenas de milhares de garotos de 10 a 12 anos que fazem parte de exérci-

tos e guerrilhas por todo o mundo, frequentemente sendo apontados como os mais cruéis entre seus pares. Qualquer que seja a idade estipulada para a maioridade penal, sempre haverá jovens afirmando "eu sou menor" quando do contato com a polícia. Isso de maneira alguma justifica a mudança proposta.

Bem, se não vamos diminuir a maioridade penal, como enfrentar a questão da infração na adolescência?

Isso já é assunto para outro artigo, mas vão aqui algumas pistas: há muitos estudos sobre os aspectos relacionados com a prática infracional entre os jovens. A literatura anglo-saxã gosta de referir-se a eles como fatores de risco. Talvez o termo vulnerabilidade seja mais adequado. De qualquer forma, o tamanho da pena utilizada para punir o ato não parece estar entre eles.

Fato é que, quanto maior a prevalência desses fatores, maior a probabilidade de essa criança ou adolescente vir a cometer uma infração. Em recente estudo na cidade de São Paulo, sugeriu-se que estar fora da escola, assim como ser criado por mãe analfabeta chefe de família são situações de grande risco em nosso meio. No entanto, fazemos ainda muito pouco para abrandar nossas situações de exclusão social. É mais complicado? Claro.

Mas não vá me dizer que você acredita na diminuição da maioridade penal como solução.

José Ricardo de Mello Brandão

Médico pediatra, especialista em adolescentes, mestre em Saúde Pública pela USP com o tema "Adolescentes Infratores". Trabalhou por quatro anos no Febem-SP

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (presidente) / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

Gabriel Falópio:

descobridor do preservativo

contra doenças sexualmente transmissíveis

Oswaldo Lacreta

A História exalta o passado e vislumbra o futuro: quem passou pela Vida sem rastreá-la, e em plácido repouso adormeceu, foi espectro de Homem, não foi Homem, passou pela Vida, e não viveu.

F. Octaviano (1826-1889)

Dizia Miller ser a magna missão do homem sobre a Terra lembrar-se de Shakespeare: "louvar o que está perdido torna querida a lembrança". As pesquisas históricas têm a vantagem incontestável de amearhar as conquistas do gênero humano incessantes e ilimitadas. O escoar dos dias é delineado por eventos científicos dos quais a história guardou os nomes, ao pôr ao vivo a grandeza primorosa de vultos talentosos, de pujança mental e de tenacidade admirável, tudo compaginado em fatos e nos ensinamentos da natureza. Entre esses pesquisadores há de pôr-se sublinha em Gabriel Falópio, nome do insigne vulto dos anatomistas italianos do século XVI, ornamento da Medicina, que adentrou os páramos da imortalidade, digno de milênios, e cuja existência merece rescrita e refletida... Ele viveu o segundo período da anatomia, que teve por nome época moderna, assinalado pelo renascimento das ciências na Itália, na XVI centúria, enquanto o primeiro era designado o dos médicos filósofos. Essa modernização luminosa tipificou-se, em Medicina, pelo grande avanço da Anatomia, a qual, edificada em disciplina autônoma, derribou os alicerces da doutrina galênica, havida por intangível. Profetizou Anatole France (1844-1924): "A arte não tem a verdade por objetivo. Deve solicitar-se às ciências, porque destas é o objetivo; cumpre não pedi-la à literatura, que não possui e não tem senão a beleza por objetivo".

O homem. Fallopio, ou Fallopia (Fallopis), do original italiano, em português Falópio. Viveu no século XVI, em que a humanidade usufruía de dois eventos marcantes do século XV: um espiritual, a invenção da imprensa por Gutenberg (1394), e outro ma-

terial, a descoberta do Novo Mundo por Colombo em 1492. Vêm à luz, na Itália, as *Accademia dei Lincei*, base de todas as universidades surgidas na Europa e no mundo. Grada-se a cultura, novas idéias de liberdade e igualdade começam a maturar e as ciências se magnificam, em especial, a Anatomia.

Nasceu na cidade de Modena, em 1523, no norte da Itália, filho de Girolamo e Catarina Bergomozzi. Era de família nobre, sem recursos, e, trabalhando à carreira, conseguiu alguma educação. Dedicou-se aos estudos humanísticos, orientado por Castelvetro e Francisco Porto. Estudou Anatomia e Medicina, em Ferrara, naquela época a mais importante escola médica do mundo, onde se tornou professor de Anatomia, em 1524, com apenas 22 anos e com tal proveito que foi apontado a dar aulas de Anatomia, Botânica e Cirurgia aos médicos da Universidade de Pisa, em 1551, a mais importante da Itália, onde ocupou a mesma cátedra exercida dez anos antes por Vesálio. Foi convidado por Cosmo I, grão-duque da Toscana, a reger as cadeiras de Anatomia e Cirurgia em Pádua. Daqui visitou Roma, em 1552, na corte de Júlio III e, a França, na de Francisco I, retornando em seguida à Universidade de Ferrara, e esteve na Grécia. Lecionava e dissecava em demonstrações anatômicas públicas, usuais na época. Foi o que mais contribuiu, junto com Vesálio, para o progresso da nova Anatomia. Fez críticas respeitadas a esse emérito dissecador, cognominado o Pai da Anatomia. Constituiu-se o mais ousado pesquisador de Anatomia. Disse Daremberg ter sido Falópio gênio e Vesálio apenas cientista. A vantagem de Vesálio em relação a Falópio foi ele ter conferido gran-

de valor às gravuras e ter publicado muito mais que o modenense. Médico famoso, sifilógrafo, farmacologista, naturalista e cirurgião, ele é modernamente revelado apenas qual anatomista. Por suas indagações atinentes aos tecidos moles, alguns historiadores consideram-no precursor de Malpighi, fundador da Anatomia Patológica, e de Bichat. Ao lado de Vesálio e Eustáquio, compôs a tríade dos grandes transformadores da Anatomia. Faleceu em Pádua em 9 de outubro de 1562.

O cientista. Dedicou-se à Anatomia da cabeça e, principalmente, à do ouvido interno. Descortinou com minúcias o tímpano e as relações com os ossos vizinhos. Caracterizou a janela oval e a circular e a comunicação com o vestibulo e a cóclea. Foi-lhe fácil, conseqüentemente, inventar o primeiro espéculo auricular para diagnosticar e tratar doenças do ouvido. Viu a corda do tímpano e respectiva membrana. Foi pioneiro ao mostrar as conexões entre as células do mastóide e do ouvido médio. Minudenciou os canais lacrimais, os músculos oculares e respectivos nervos e individuou o osso etimóide. Corrigiu vários erros de Vesálio, sobretudo quanto à miologia. Disciplinou este anatomista ao apontar o trajeto correto das artérias cerebrais, que não se abriam nos seios venosos, consoante se apregoava. Discriminou os canais semicirculares, as pregas do intestino delgado e o nervo glossofaringeo. Não lhe escaparam as dilatações, na região cervical e lombar, da coluna medular.

Interessou-se pelos órgãos sexuais de ambos os sexos, ao dar a saber o canal que liga o ovário à cavidade do útero: as trompas de Falópio, que ele designou *tuba por-*

que se assemelhavam a um pequeno funil, onde chegou a ver sêmen; todavia o sentido da palavra foi alterado para aqueduto de Falópio, porquanto se pensava que ela conduzir os humores da cavidade abdominal para o útero. Desvendou o líquido folicular, que para ele ora se apresentava turvo, ora límpido. Distinguiu o ósteo abdominal, as fimbrias ováricas, as pregas das trompas, testificou os ligamentos redondos e o aparelho de sustentação da madre, que desgarrados propiciavam os prolapsos. Notou a artéria profunda do pênis. Ressaltou estar a vagina inserida no colo do útero – *sinus od pudendum femineum* – e não com a margem lateral da madre, conforme mostrava o ridículo desenho de Vesálio. Foi sem dúvida sexologista vanguardista ao estabelecer analogia funcional entre clitóris e pênis, a notar ausência de penetração do pênis no útero no coito e ao atribuir a dor nas primeiras relações à distensão das pregas da vagina. Relatou à horaciana as membranas que envolvem o feto, os vasos da haste funicular e a ausência do alantóide no embrião humano. Nomeou de placenta esse importantíssimo anexo fetal. Perquiriu a embriogênese de vários órgãos do corpo humano, por exemplo, a bacia e os ossos do feto. Descortinou o que mais tarde se chamou ligamento de Poupert. Divisou medula nos ossos de carnívoros, negada por Aristóteles. Anteolhou-se-lhe o hímen, do grego pele, narrado por Vesálio em 1566, negado por vários anatomistas. Era habitual entre as antigas obstetrias rompê-lo nas recém-nascidas.

Falópio era meticuloso, lúcido e paciente, vestia sapatos machos com espécie de ceroulas feitas de linho impermeável e os aconchegava com sapatos fêmeas. Percebeu haver não só amplexo sexual como também que as fêmeas não concebiam. Curioso, verificou, além disso, conter o envoltório de linho esperma, o qual, introduzido nas fêmeas, ocorria a prenhez. Esse simples procedimento fez Falópio adentrar a história, vencer os séculos e passar a ser o descobridor do preservativo mais seguro da história e, lamentavelmente, esquecido por cinco séculos.

Conquistou por suas *Observationes anatomicae*, publicada em Veneza, 1561, fama de emérito dissecador, a ponto de merecer de Haller as palavras: “*Canditus vir in anatome indefessus, magnus inventor, et in nemine iniquus*” (Homem íntegro, infatigável na dissecação, grande descobridor e injusto com ninguém). Dizia-se que, na cida-

de de Pisa, desfabulou a ação de produtos químicos, isto é, venenos no organismo humano, porém, em criminosos condenados à morte, embora usual e permitido na época, conforme a ele próprio se refere. “*Dux enim corpora justitiae tradenda, anatomicis exhibebat, ut morte, qua ipsis videbatur, interficerentur*” (O instrutor mostrava aos anatomistas os corpos que deveriam ser entregues à justiça para que fossem mortos por meios que lhe parecessem bons). Benedetti (1460-1525), contemporâneo de Falópio, ao aconselhar a construção de anfiteatros anatômicos definitivos, à semelhança do Coliseu e da Arena de Verona, defendeu Falópio ao referir não ser ele o único a se utilizar desse desumano expediente: “*Quandoque viventis in custodis petunt, ut potius medicorum collegiis tradantur, quam carneficis manu publico trucidentur*” (Às vezes os que vivem nas prisões pedem que sejam entregues aos colégios médicos, de preferência, a ser mortos em público por mão do carrasco). Registrou Falópio que os médicos matavam os assassinos condenados à morte com o ópio, com as seguintes palavras: “*Binas tresve drachmas opii ex vino meracissimo exhibebant, ne ullos humores dissipari contiga, aut crassiores spiritus evanesceres*” (Acrescentavam duas ou três dracmas de ópio em vinho puríssimo, para evitar que se dissipassem humores ou os mais espessos se perdessem”), para depois deles realizar pesquisas anatômicas, ao passo que a execução feita pelos carrascos era de grande crueldade.

Publicou dois tratados sobre úlceras e tumores, outro de cirurgia e fez comentários ao livro de Hipócrates a respeito de feridas na cabeça. O livro a respeito da sífilis *De morbo gallico* (Pádua, 1563) é notável, pois antecipou muitos fatos dessa infecção considerados hoje modernos. Ensinou as formas de tratamento de doenças, dos banhos quentes, dos purgantes e da composição de drogas. Nenhum desses escritos foi emitido quando vivo o autor, salvo o de Anatomia, dado à estampa em Veneza, em 1561, um ano antes de sua morte. Essas obras foram confeccionadas a partir das anotações das aulas de seus alunos.

Por todo o exposto, cai a lanço, quanto a Falópio, o inimitável dito de Renan (1823-1892): “Dissecando-se o corpo humano, destrói-se-lhe a beleza; entretanto, por meio desse método, a Ciência reconhece beleza superior que a simples vista jamais teria vislumbrado”. A lues grassava na Eu-

ropa, entre as grandes metrópoles, principalmente Londres, a qual, segundo informes de então, matava mais que um exército, por isso despertou o interesse dos médicos, em especial de Falópio, e, conseqüentemente ele merece ser considerado vanguardista ao cuidar dessa infecção.

Nominativa de uma das moléstias mais divulgadas, a sífilis é ainda uma incógnita quanto à etimologia. Foi cunhada pelo anatomista, fisiologista e cirurgião italiano Girolamo Fabrizio d'Acquapendente (1533-1619), em 1530, conforme consta em seu poema: *Syphilidis seu morbi Gallici libri tres*. Para delineá-la ocorrem duas versões. A rainha Alcithos apaixonou-se pelo pastor Syphilus, guardador de porcos, que detestava o deus Apolo. Este, furioso, castigou-lhe com um anátema, a sífilis, infecção imunda ligada ao porco, ou seja: *Syphilis* = *sys* (porco) + *philéo* (eu amo). Outra versão racional é a de doença ligada ao amor. É a enfermidade do amor mútuo.

História da camisa-de-vênus. Esta é a designação usada em Portugal e no Brasil, ou camisinha, aliás, bem escolhida e expressiva, porque vinculada à deusa romana do Amor, Vênus, que Dante designava “bela estrela que ao amor incita”, daí também doença venérea, hoje abandonada e substituída por doença sexualmente transmissível. Destaque-se, de caminho, em meio à variedade de vocábulos para nomear a camisinha em outros países, os seguintes: na Argentina, *forro, foderia*; na Austrália, *loveglove* (luva do amor); na Áustria, *parisier shrump*; nas Antilhas Britânicas, *cocolock socks*; no Brasil, *camisa-de-vênus*; na China, *bai yan to* (cesto anticoncepcional) ou *baoshein-tao*; na Coreia do Sul, *woosan* (guarda-chuva); na Dinamarca, *gummiman* (homem de borracha); nas Filipinas, *supot* (bolinha); na França, *capote anglaise* (impermeável inglês); na Alemanha, *Strumpf*; no Japão, *sack* (bolsa); na Inglaterra, papel francês; na Grécia, *kapota* (envelope); em Hong Kong, *peidany*; na Índia, *nirodhj* (resistência); na Indonésia, *kotek* (coberta do pênis); na Irlanda, *johnny*; na Itália, *balloncino*; no Líbano, *kabbout* (capote); na Nigéria, *okpuamu* (chapéu do pênis); na Holanda, *rubbertje* (gominha); no Panamá, *gorro* (capuz); em Portugal, *camisa-de-vênus*; no Senegal, *chapeau de brousse* (chapéu de safári); na Espanha, *globo*; na África do Sul, *french letter* (carta francesa); em Uganda, *kavera* (bolsa de papel francês); na Hungria, *u'vszer* (cadeia de segurança); nos EUA, *jimmy hat* (chapéu de jimmy); na Venezuela, *capuchete*.

Foram os chineses pioneiros ao servir-se do preservativo. Era de papel de seda untado de óleo. Para esse povo o emprego do papel decorria de o envoltório ter sido desvendado nesse país. No Egito, consoante mostram algumas tumbas do templo Karnak, encontrou-se a de um rei com o falo protegido, cuja função era poupá-lo contra traumas e picadas de inseto. O rei Minos de Knossos, filho de Zeus, na ilha de Creta, em 1200 a.C., cobria o órgão com bexiga natatória de peixes. Fala-se da amante desse monarca que introduzia bexiga de cabra na vagina para se proteger de seu sêmen venenoso, no qual cresciam serpentes e escorpiões!

Desde o século XVI, na Europa, apareceram conselhos para se evitar filhos; o mais usual era cobrir o pênis com linho, pano caríssimo, existente entre os egípcios, há séculos, embebido em ervas medicinais, muito comum na antiguidade. A verdade é que perduravam dúvidas, mas está definitivamente provado haver sido Falópio o inventor da bainha de tecido leve, para proteger das enfermidades venéreas, porque o mestre de Monza estava preocupado com a sífilis, a grassar na Europa.

Utilizou-se mais tarde intestino de carneiro e borracha vulcanizada pela Goodyear, em 1839, seguida das atuais, de látex natural... Todas mantêm a finalidade básica: relação sexual segura contra as moléstias sexualmente transmissíveis.

Na Europa em 200 a.C., na caverna de Dordogne, na França, há desenhos que lembram a camisinha, feita de material desconhecido, provavelmente de vísceras de animais. Os romanos também aproveitaram-se de intestino seco de ovelhas ao se confraternizar com mulheres no decurso das guerras longe da Cidade Eterna. Na Renascença, a substância típica era linho finíssimo, ricamente ornamentado e coberto de líquido adstringente.

Os ingleses e franceses deram outros nomes à camisinha. É dita *condom*, na Inglaterra, tirada do médico inglês doutor Condom, que nunca existiu, e para os franceses viria da cidadezinha de Condom, a sudeste da França, na Gironda, à margem direita do rio Baise, saqueada e queimada pelos normandos. Hoje é centro comercial de aguardente de Armagnac. Para alguns, ela viria do verbo latino *condare*, a designar esconder, proteger. Em homenagem a Falópio, já que ingleses e franceses não quiseram imortalizar o grande dissecador,

melhor seria intitulá-la *falopinha*, como querem alguns. Shakespeare a designava *luva de Vênus*.

Em Utrecht, cidade da Holanda, eleita para assediar a assinatura do tratado do fim da guerra de sucessão da Espanha, reuniram-se diplomatas e pessoas ilustres, e naturalmente, por inadvertência, nonárias à procura de amizades famosas em busca de algum dinheiro. Resultou a expansão de doenças venéreas, o que forçou as autoridades locais a tomar providência. Alguém teve a idéia de costurar ambas as extremidades de um fragmento de intestino de carneiro (ceco), obtendo protetor sexual.

Esse modelo de preservativo, por volta do fim do século XVIII, foi muito contestado na Europa, sobretudo por Casanova, por julgar ridículo usar restos de morto para provar estar-se vivo. Com a Revolução Francesa, o governo legalizou a venda e o uso da inovação, também fabricada com intestino de boi. É claro que, entre as duas grandes guerras, o protetor se tornou extremamente popular. Na última guerra, o preservativo ganhou fama porque os soldados podiam usá-lo nos bordéis. Os ingleses, sempre eles, não se serviam de preservativos, pois se uniam com mulheres de família, isentas de doenças venéreas!

Retrata-se ter a camisinha perdido popularidade depois da Segunda Guerra, em torno de 1960, com o aparecimento da pílula anticoncepcional, que desligou a conexão entre cópula e prenhez, para alegria e maior liberação da mulher. O mundo dá muitas voltas e, aproximadamente, em 1980, com o advento do VIH (Aids) retornou-se ao uso do preservativo de maneira inusitada, de modo que se passou a aplicar todos os progressos da era tecnológica na sua confecção. Lembremos que até hoje nenhum país permite descontar do imposto de renda as despesas com a compra desses meios, embora em regiões demasiadamente populosas os governos os forneçam à população.

Bexiga de cabra, couro e carapaça de tartaruga foram aproveitados à maneira de protetor! Decidiu a Comunidade Européia que os preservativos devam trazer a marca CE. As camisinhas resistem a pressão que pode lhes aumentar oito vezes o comprimento. A aplicação correta do preservativo permite segurança de 95%-98%. A alergia atinge 1%-3%, porquanto esta se evita com os feitos de poliuretano. Na cidade inglesa de Birmingham, nos subterrâneos

do palácio de Dudley, encontraram-se protetores feitos de intestino de peixe. Os lubrificantes modernos são elaborados à base de silicone.

Curiosidades da camisinha. Existem na cidade canadense de Toronto 600 amostras de camisinha no chamado Hall of Contraception. É um museu internacional, no qual há detalhes do manuseio de preservativos. Está no *Gênesis* que Onan praticava o coito interrupto com a esposa do irmão, e lançava o esperma na terra para não dar pósteros ao mano. Constam, nesse museu, 300 modelos de defensórios para mulheres, alguns feitos à mão, produzidos em Marrocos, outros semelhantes a um bastão. Adotaram-se, a partir de 1990, novas técnicas na manufatura de camisinhas: coloridas, com sabor, musicais e altamente funcionais. O médico holandês Swantson pôs à venda num antiquário da cidade de Dundee, na Escócia, coleção de camisinhas com mais de 70 anos. Alguns dos pacotes traziam o aviso: "Não usem depois de 1937" (?).

Anedotas e camisinhas. Os Ingleses, sempre mestres em dourar a pilula, ao contrário de franceses e italianos, escondem cuidadosamente seus problemas sexuais, considerados até hoje depreciativos – *no sex, we are British*. Separam a educação dos homens das mulheres, e como resultado a Inglaterra, na Europa, tem grande número de mães solteiras. Estas engravidam e adquirem moléstias venéreas quando viajam. Atualmente o governo britânico está mudando a educação da juventude.

Preservativos não vendidos por falta de qualidade são apreendidos e entregues às fábricas de brinquedo, nas quais as pontas são cortadas e servem de diafragma para as bonecas chorarem. Passageiros, ao adquirir bilhetes de trem para viajar fora da Dinamarca, recebem dois preservativos e conselhos a fim de evitar a Aids. A camisinha voluptuosa está sendo elaborada pelos japoneses, pois fixam na ponta um microchip musical que toca, no momento do orgasmo, "Ama-me também". Eram de feltro as camisinhas de Casanova. Ao se pedir uma camisinha em Portugal diz-se "durex". Na Itália, os garotos se postam às portas das farmácias para ver padres comprarem camisinhas. Estas na Rússia são fortes que podem ser usadas, eventualmente, quais garrafas, para carregar água. Em uma cidade peruana, preservativos usados são limpos e revendidos, e dois homens ao assim proceder foram presos. Fala-se que

em Sri Lanka, ilha no sul da Índia, se alguém for encontrado com preservativo no bolso pode ser detido. A OMS estipulou o uso de 20 bilhões de preservativos para mitigar o aumento da Aids no universo. Um canadense foi condenado a 45 dias de prisão por ter tirado a camisinha antes da ejaculação! Em Londres, começou a rodar o ônibus do amor e voluntários fornecem preservativos a adolescentes a partir de 13 anos, e com folhetos explicativos de sexo seguro. A inventora de cuecas e calcinhas com porta-camisinhas é americana, para variar, chamada Natalie Lema-Solis. Na cidade de Contra Costa, o Departamento de Saúde impediu o uso de preservativo com sabor de menta, a fim de impedir o sexo oral! Um gerente de cinema em Londres colocou cadeiras com lugar para guardar protetores! A rivalidade entre ingleses e franceses chegou até o defensor sexual. Estes o alcunhavam de capote inglês e os ingleses sobrenomeavam a sífilis de mal francês.

Tão extensa a arte esculápi é que não lhe basta a experiência pessoal. Mister se faz assimilar as conquistas decorridas e presentes. Terminada a adolescência, o cérebro perde a receptividade para tudo quanto incumbe conhecer e aplicar. O tempo passa, mas o livro permanece. A vida do leitor avalia-se em horas, a do texto, em milênios, transcende o tempo.

Ao rematarmos estas linhas, avulta a temeridade por sabermos que não lograríamos bosquejar, seja de relance, a essência das descobertas de Falópio. Aventuramos porque confiamos na indulgência da culta classe médica paulista. Epigrafou Quintana (1906-1966): "escrever... Mas por quê? Por vaidade, está visto.../Pura vaidade, escrever!/Pegar da pena... Olhai, que graça terá isto, /se já se sabe tudo o que se vai dizer!"

Oswaldo Lacreta
Professor associado
da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo

EVOCAÇÕES ITUANAS

Paulo Bomfim

Na época em que Eufrásio de Arruda Botelho foi Sargento-mor em Itu, surgia na casa do Padre Jesuino do Monte Carmello movimento que passaria à História com o nome de Padres do Patrocínio e que tamanha influência exerceria na formação do jovem sacerdote Diogo Antonio Feijó.

Para entendermos certas atitudes do futuro regente do Império, precisamos nos transportar para aquela cidade no início do século XIX, onde fervilhava em torno do Padre Jesuino do Monte Carmello, o maior artista colonial de São Paulo na opinião de Mario de Andrade, movimento religioso que revolucionaria com idéias e ações a pacata província de São Paulo.

Da fraternidade que chegou a ser denunciada como jansenista pelo Capitão-mor Vicente da Costa Taques Góes e Aranha, saem aqueles que procurariam renovar a Igreja paulista durante o Primeiro Reinado.

Nesse ambiente, Feijó pôde conviver com o sábio franciscano Frei Ignácio de Santa Justina, mestre de Monte Alverne; com o futuro bispo Dom Antonio Joaquim de Mello; com o latinista Padre Floriano; com o Padre Arrudinha e sua fama de santidade; com o Padre João Leite Ferraz, que fora sargento-mor. O Padre Antonio Pacheco da Silva, que seria juntamente com seu primo, o Padre Bento Dias Pacheco, apóstolo dos leprosos, contestaria nessas reuniões onde se falava de Pascal e de São Francisco de Assis, de Kant e de São João da Cruz, de Santo Agostinho e de Jansênio.

Jesuino do Monte Carmello, antes do sacerdócio, foi casado com Maria Francisca de Godoy, que faleceu deixando os filhos: Maria Thereza, regente do Recolhimento de Nossa Senhora das Mercês, Elias do Monte Carmello, sacerdote, estatuari e músico, fundador da Congregação do Patrocínio que leva adiante e amadurece os temas instigantes nascidos em reuniões da casa paterna. Seu irmão Simão Stock também é ordenado sacerdote e conclui as obras da Igreja do Patrocínio, iniciadas por seu genial progenitor.

Relendo a obra de Francisco Nardy Filho, falecido em 1959, sobre a "Fidelíssima", relembro encontros que tive com o historiador que tanto me auxiliou no resgate da saga de meus ancestrais.

Graças a ele, fiquei sabendo que o avô de minha bisavó Sinharinha, o Capitão Joaquim José de Andrade, recebeu, em 11 de fevereiro de 1820, patente de Capitão da Companhia de Ordenanças dos Bairros de Cajuru e Pirapitingui, termo da Vila de Itu. Esse tetra-vô foi dos fundadores de Rio Claro, onde criou em 1832, a Sociedade do Bem Humano.

Segundo Nardy Filho, meu trisavô materno, Eliseu de Arruda Botelho, era filho do Sargento-mor Eufrásio de Arruda Botelho, com quem iniciei estas lembranças. Lê-se no livro 24 de Sesmarias e Patentes, que D. Maria I entrega a ele a Patente de Confirmação do Posto de Ordenanças da Vila de Itu, onde era fazendeiro. Seu sogro, Estanislau de Campos Bicudo, fora também sargento-mor nesse antigo burgo de bandeirantes.

Nardy Filho traça a ascendência de minha gente até Domingos Fernandes, fundador de Itu, e Brás Rodrigues Arzão, capitão-mor dessa cidade, que participa, em 1679, da dramática fundação da Colônia do Sacramento.

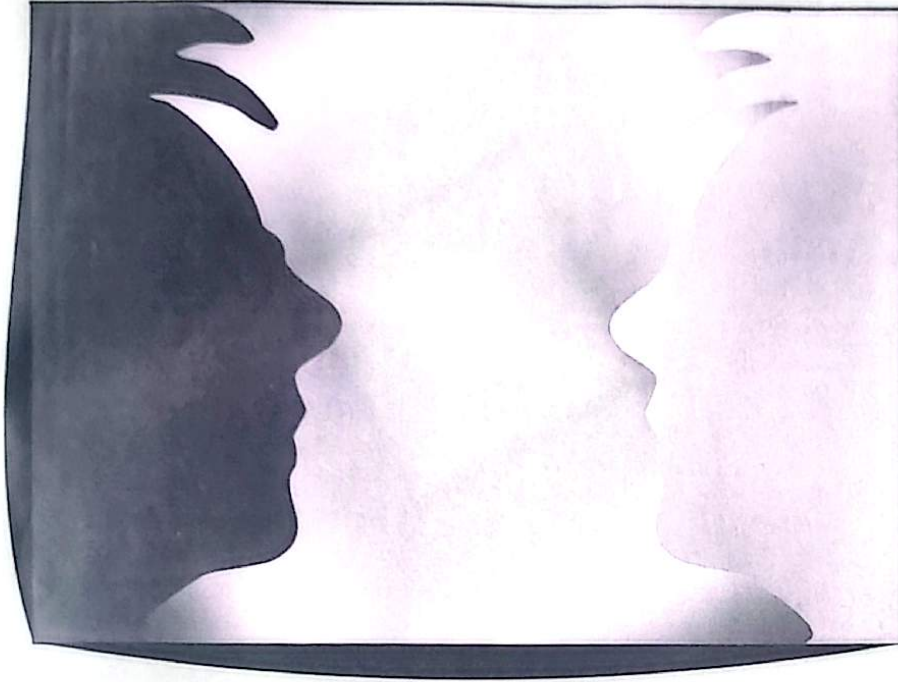
Graças a ele, a Afonso de Taunay, Alfredo Ellis Junior, Tito Livio Ferreira, Carvalho Franco e Menezes Drummond, escrevi os *Aparentamentos Genealógicos das Famílias Magalhães, Lebeis e Pinto Alves* que resultariam no *Annorial*, oriundo dessas pesquisas.

A reedição, em cinco volumes, de *A Cidade de Itu*, de Francisco Nardy Filho, em boa hora organizada pelo historiador Roberto Machado de Carvalho, recorda aquele velho paulista de cabelo branco à escovinha, terno de brim e borzeguins que, paciente e conversava com minha inquietação nas suaves tardes de outrora, sob a bênção de Frei Galvão e a pintura de Padre Jesuino do Monte Carmello transformada na música de um tempo que não volta.

Paulo Bomfim

UMA REFLEXÃO SOBRE A MORTE E A LUZ

Carlos Alberto Pessoa Rosa



Para o homem, há sempre duas mortes: primeiro morre o corpo, depois a memória. Chegando o fim, de corpo morrem todos de igual modo. Da memória, igual à luz do sol que ilumina parte da noite, quando o astro já morreu, a morte pode demorar mais ou menos tempo, tudo dependendo da qualidade, da intensidade e do tempo do viver que cercou a matéria. Daí a memória do amado ou do parricida permanecerem muito tempo entre nós após desencarnado. Quanto mais prazerosa ou dolorosa a vida, mais difícil se torna a morte da memória. Se deixa rasto de prazeres ou culpas, a morte da memória será lenta e duradoura; se marcas de desleixo ou descaso, será muito rápida. Muitos há que passaram pela vida e, mortos, nada deixaram para trás; poucos são os que ainda vivem na lembrança de um povo. Os heróis e os carrascos pertencem ao segundo grupo; mais os heróis que os carrascos, com certeza. Por isso digo, como a luz do sol, morre-se duas vezes, uma de corpo, outra de memória. À primeira, sepulta-se ou crema-se; à segunda, apaga-se com o tempo.

Há aqueles que ao nascer apresentam primeiro a luz, depois o corpo, mas são muito poucos. São memória desde o nascimento. Portanto, há também os que nascem duas vezes e os que somente uma. No primeiro grupo podemos colocar os artistas e os líderes naturais; no segundo, os afeitos aos lucros e ao comércio. Flagra-se a falcatrua rapidamente quando os segundos desfilam uma oratória humanística, em geral são também políticos, e, nem de longe, imaginar os primeiros metidos em comércio, quase sempre encrençam-se com dívidas. Falar de duas mortes complica, com certeza. Os materialistas logo vão querer adquirir a segunda, não importa o preço e a via; os artistas, se não tiverem cuidado, desfilarão como cisnes mostrando a cauda. Ilusão, sem dúvida. Primeiro nasce a luz – se há – para depois nascer o corpo. A luz é inata. Assim pintou o Criador no dizer de Padre Vieira: no primeiro dia nasceu o sol informe e no quarto, o formado.

Visto que falamos de duas mortes, qual devemos homenagear? Com certeza a do corpo acontecerá com todos.

Já a da memória terá um caminhar particular e intemporal, pode desaparecer com a matéria ou seguir um curso próprio, igual à natureza que tem os dias mais longos na primavera e no verão, mais curtos no outono e no inverno. Privilegiados aqueles que têm sua morte ligada à memória, não ao corpo, como a luz que permanece sobre os homens um tempo maior em certas épocas do ano, como já se disse. A lembrança faz justiça a quem viveu; luz sem corpo.

Saudade é o nome dessa luz sem matéria orgânica. O corpo faz-se presente, mas é o que se deixa registrado na memória que ilumina e registra a existência. Deus criou o corpo para o olhar do homem e a alma para o seu olhar. A muito poucos Deus deu o direito de ter uma luz que permanecesse sempre acesa. Se a luz é mais benigna que o próprio corpo, com certeza, dela não obteremos açoitamentos nem ofensas; se mais malignas que a matéria, dela serão as madrugadas maldormidas.

O corpo é fogo, a luz é branda, assim é na natureza, quando o sol a tudo queima, e com a luz tudo floresce. Feliz daquele cuja luz semeia a tudo e a todos. É deles a devida justiça. A luz nasce para alguns, não para todos. Entre os que pensam que a morte está no corpo, haverá os que ainda habitarão a noite devido às culpas, os que habitarão a madrugada pela penitência e os que habitarão o dia em graça.

Carlos Alberto Pessoa Rosa

Médico e escritor, publicou o livro de contos *A cor e a textura de uma folha de papel em branco*, prêmio UBE/Cepe.

O paciente e o banheiro

Está certo que o fato de ir ao médico não é nada emocionante ou aguardado com uma expectativa similar à de ir a um espetáculo ou a um show, mas eu não consigo entender o porquê da razão de, em inúmeras ocasiões, quando já estamos desgastados e atrasados, num daqueles dias em que tudo acontece, pedirmos à secretária que chame aquela pessoa que está reclamando ostensivamente da demora de quase uma hora e você escutar: "Doutor, o paciente acabou de entrar no banheiro!" Eu não acredito, mas, com todo o tempo que teve, agora é que ele resolve ir ao banheiro? E você pensa: "Será que é de nervoso, será que está pegando a arma para acertar as contas, ou simplesmente é uma alternativa de vingança de última hora!?"

O fato é que isso é extremamente comum a todos aqueles que militam em nossa área, é daqueles traços comuns a todos os pacientes e não sabemos bem entender a razão.

Mas que existe, existe!

Jayme de Oliveira Filho

*Dermatologista, presidente
da campanha nacional anticâncer de pele*

Outra vida

Quando o vento a distância surge em bátegas,
dissipa-se em brisas apazíveis.

Sinto na face toda a sua suavidade.

Lembro-me de ti na mutuação.

Quando as ondas do mar em encrespação
açoitam os rochedos em preamar;
voltam em seguida à mansidão das praias.

Eu sinto em ti a alegria da vida.

Quando na agitação de uma contenda
a face enrubesce, o espírito anuvia.
Retorna conseqüente a harmonia.

Vejo em ti a mulher dos meus anseios.

Quando, aqui, meus dias terminarem
e eu fechar os olhos para o sono,
do sono, no descanso do corpo,
exaurido da batalha indormida;

Irei com todo o amor que te ofertei.

Com a saudade, no meu epitáfio,
e minh'alma exultante de alegria,
à tua lide e à tua vida,
esperarei para abrir os meus olhos,
noutro tempo, noutra era, noutro espaço

E ficar eternamente ao teu lado.

Afiz Sadi

JESUSES

Noite

Bando de meninos-jesus

Acampados no recuo

frio das calçadas.

Com pés ressequidos.

Peles sujas, escuras de fuligem.

Eles armam seus panos
velhos e cobertores rotos.

Alegres,

Despedem-se um

do outro (Boa-noite?)

Como se estivessem em casas,
com pais e tudo.

Os prédios, através
de vidros azuis, espiam
indiferentes essas carnes-vivas.

José Carlos Barbuio